



O/A HISTORIADOR(A) COMO PRODUTOR(A) CULTURAL: caminhos possíveis para se pensar a cidade e a história urbana pública.

Historian as cultural producer: possible ways to think about the city and public urban history.

Thainá Moraes Avelino Maia¹⁰

Giovanni Roberto Protásio Bentes Filho¹¹

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo apresentar algumas reflexões sobre o ofício do(a) historiador(a), mais precisamente sobre sua atuação como produtor cultural, e a sua contribuição para a prática de uma história urbana pública. As análises partiram da experiência dos autores, que tiveram dois projetos culturais aprovados em editais públicos, por meio da Lei Complementar nº 195/2022, popularmente conhecida como Lei Paulo Gustavo. Nesses dois projetos, um focado em mulheres e outro sobre a história de um cinema de rua, a cidade de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, emerge como fio condutor na construção de memórias e narrativas históricas, evidenciando, assim, as possibilidades de se pensar e produzir uma história urbana em diálogo com a sociedade.

Palavras-chave: História Pública. Memória urbana. Cultura audiovisual

Abstract:

This paper aims to present some reflections on the work of the historian, more precisely on their role as a cultural producer, and their contribution to the practice of public urban history. The analyses were based on the authors' experience, who had two cultural projects approved in public notices, through Complementary Law No. 195/2022, popularly known as the Paulo Gustavo Law. In these two projects, one focused on women and the other on the history of a street cinema, the city of Natal, capital of the state of Rio Grande do Norte, emerges as a

¹⁰ Graduada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Membro do grupo de pesquisa Os Espaços na Modernidade. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5302160913493044>. E-mail: thainamoraism@gmail.com

¹¹ Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGH-UFRN). Membro do grupo de pesquisa Os Espaços na Modernidade. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7176469527868882>. E-mail: giovannibentesfilho@gmail.com



guiding thread in the construction of memories and historical narratives, thus highlighting the possibilities of thinking and producing an urban history in dialogue with society.

Keywords: Public History. Urban Memory. Audiovisual Culture

Introdução

A ideia de escrever esse texto surgiu, a princípio, por meio de discussões entre os autores sobre questões relacionadas ao ofício do historiador, mais precisamente sobre nossa atuação profissional e as possibilidades oferecidas pelo mercado de trabalho brasileiro na contemporaneidade.

Esse debate sobre o que é, o que faz e o que pode fazer o profissional da história não é, de forma alguma, recente. Obras clássicas e de referência como as de Marc Bloch (2001) Michel de Certeau (2002), Paul Veyne (1998) Antoine Prost (2012), François Dosse (2003), Arlette Farge (2009) e Durval Muniz (2007), para citarmos apenas alguns exemplos, nos ajudam a compreender os caminhos e os procedimentos inerentes ao *métier* desse “artesão das temporalidades” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2019, p. 27).

A concepção mais geral, e talvez a mais antiga, sobre o que fazem os historiadores é a que remete a nossa prática ao ensino e a pesquisa. Ou seja, se pensarmos de modo reducionista, ao historiador caberá atuar somente em sala de aula – em seus diferentes níveis – e em centros de pesquisa. Contudo, o leque de possibilidades para esse profissional é bem mais amplo, como bem lembrou Benito Bisso Schmidt (2013).

Ao citar um documento da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), de 2012, elaborado por Carlos Fico, coordenador da área de história à época, no qual aponta orientações relacionadas à abertura de novos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, principalmente sobre questões relativas aos mestrados profissionais, Schmidt deixou evidente as áreas nas quais



os profissionais da história poderiam desempenhar funções como, mas não apenas: “patrimônio histórico; arquivística; serviços de pesquisa e documentação; museologia e museografia; artes; turismo; organização de informações históricas; consultorias e pareceres históricos; ensino e material didático”. (SCHMIDT, 2013, p. 286).

Possibilidades de trabalho e atribuições que foram reforçadas e oficializadas com a aprovação, em 2020, pelo Congresso Nacional, do projeto de regulamentação da profissão de historiador, que tinha sido proposto pelo senador Paulo Paim (PT-RS), em 2009. Após sofrer alterações no seu texto original, no que se referia ao aspecto do exercício da profissão pelos historiadores, retirando do texto o caráter “privativo” da prática para apenas “assegurado” a esses profissionais, a fim de eliminar “a possibilidade de reserva de mercado”.¹²

Os espaços de atuação para o profissional da história existem e são diversos, embora ainda seja possível percebermos uma grande dificuldade por parte dos próprios historiadores em se verem trabalhando em um lugar que não seja o chão da sala de aula ou em centros de pesquisa propriamente dita, arquivos, institutos ou museus.

Uma dificuldade que é totalmente compreensível diante das poucas opções ofertadas pelos cursos de formação (graduação e pós-graduação em história), bem como pela própria estrutura curricular do curso de história, que se concentra, geralmente, em disciplinas de “saberes a ensinar”, que se fundamentam em fatos e acontecimentos históricos transformados em conteúdo; e “saberes teóricos da ciência histórica”, que dizem respeito as questões mais práticas e metodológicas do campo da história e também da pedagogia. São saberes que pouco excedem o

¹² BRASIL, Senado Federal. Publicada lei que regulamenta a profissão de historiador. Sítio eletrônico, 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/18/publicada-lei-que-regulamenta-a-profissao-de-historiador#:~:text=O%20Di%C3%A1rio%20Oficial%20da%20Uni%C3%A3o,independentemente%20de%20censura%20ou%20licen%C3%A7a%E2%80%9D>. Acesso em: 15 de nov. 2024.



universo da sala de aula clássica, como destacou a professora Margarida Maria Dias de Oliveira (2014, p. 112).

No final, esses conhecimentos, teóricos e práticos, acabam por serem convertidos e transformados em trabalhos escritos, frutos de pesquisas acadêmicas ou Estágios Supervisionados (monografias, TCCS, dissertações e teses). E aqui, neste ponto, já temos uma outra crítica importante, levantada por Oliveira, com a qual concordamos: “que os cursos de História continuam centrados na oralidade, em atividades que pouco requerem a produção escrita (OLIVEIRA, 2014, p. 114).

De fato, passamos boa parte da graduação em História – e aqui estamos nos referindo, especificamente, ao curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – apresentando trabalhos em seminários e discutindo textos (partes de livros, teses e dissertações), que pouco agregam à formação profissional e à prática da escrita historiadora. O pouco que se escreve no período da graduação fica restrito à prova no estilo tradicional, de perguntas e repostas, ou, na expressão de Oliveira (2014, p. 115), a “trabalhos escritos aligeirados”, que, em nosso entendimento, são usados para avaliar, de maneira insuficiente, os historiadores em formação.

Outro ponto importante, levantado pelo professor Benito Schmidt, e que funciona como mais um indício de como nós, historiadores, temos dificuldade de pensar nossa profissão para além da sala de aula, principalmente, é a dificuldade de definir o preço da hora trabalhada do historiador. De acordo com esse professor, que fazia parte da secretaria da Anpuh-Brasil no período em que publicou esse artigo, várias solicitações de profissionais da história eram recebidas com frequência para que fossem informados os valores de determinados serviços que, no caso, seriam da competência do historiador, como “curadoria de exposições, elaboração de livros, organização de acervos, consultorias para assuntos históricos”, entre outros. Não se tinha uma resposta



precisa, pois não existia um preço tabelado ou “a definição do valor da hora de trabalho, como acontece, por exemplo, entre advogados e engenheiros”, conforme salientando por Schmidt (2013, p. 289).

Mesmo com essas dificuldades, algumas experiências podem ser entendidas como respostas a essas e outras demandas da sociedade contemporânea, bem como podem servir de exemplos concretos aos historiadores e historiadoras que buscam caminhos alternativos à sua atividade profissional, como o documentário “A província moderna” (2019), produzido a partir da parceria entre os professores Raimundo Pereira Alencar Arrais (DHIS-UFRN) e Artemilson Alves de Lima (IFRN).

Esse curta-documentário, de 20 minutos, no qual participamos de sua produção, trata de uma parte da história urbana da cidade de Natal, que corresponde às primeiras décadas do século XX.¹³ Nesse filme, a capital potiguar foi o objeto central. Nele podem ser observados boa parte dos dramas que permeiam a sociedade natalense no período, que envolvem desde a dimensão dos sonhos e dos desejos, como as violências e as desigualdades presentes no espaço urbano.

A partir da experiência adquirida nesse, e em outros trabalhos produzidos pelo grupo de pesquisa “Espaços na modernidade”, que envolveu um intenso esforço de pesquisa histórica em acervos e arquivos (públicos e privados), na escrita de roteiros e na edição e montagem do material audiovisual, percebemos que a produção de materiais audiovisuais de teor histórico poderia se tornar um campo viável e real de atuação profissional. Isso nos impeliu à (re)pensar a nossa própria atividade/ofício enquanto historiadores e a enxergar o mundo para além da sala de aula, que acreditávamos estar bem distante de nossa realidade, visto que poucos são os historiadores que trabalham em espaços fora do ambiente escolar.

¹³ Filme disponível no canal do YouTube do grupo de pesquisa “Espaços na modernidade”. Disponível pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=no4vZVHUjBM&t=10s>.



Após os resultados satisfatórios obtidos com o “A província moderna”, que conta com mais de 100 mil visualizações no canal do grupo no YouTube, e de outros dois pequenos documentários produzidos a partir de um projeto de extensão da UFRN, também coordenado pelo professor Raimundo Arrais (Episódios de uma história do Rio Grande do Norte em documentários), cujo objetivo era produzir uma série de vídeos, de curta duração, sobre temas relacionados à história do Rio Grande do Norte para fins didáticos¹⁴, pensamos em desenvolver outros projetos e materiais semelhantes.

Contudo, a questão do recurso financeiro se impôs de modo imediato: como conseguiríamos esses recursos sem estarmos diretamente vinculados à universidade? Encontramos essa resposta nos editais de apoio e incentivo à cultura lançados pelo governo brasileiro, como a Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar nº 195/2022), “o maior investimento direto já realizado no setor cultural do Brasil”, que destinou cerca de “R\$ 3,862 bilhões para a execução de ações e projetos culturais em todo o território nacional”, segundo o portal de comunicação da Presidência da República¹⁵.

Por meio desses editais culturais, conseguimos aprovar dois projetos. Ambos se encontram na fase de produção e visam explorar a relação entre memória, cidade e cultura. O primeiro deles, intitulado “Inquietas”, trata da produção de um curta-metragem documental que aborda a história das mulheres de Natal nas primeiras décadas do século XX.

O objetivo é apresentar as experiências dessas sujeitas na cidade e refletir sobre suas trajetórias, tanto de privilégios quanto de exclusão, nos espaços públicos e nas transformações políticas e sociais de Natal e do Brasil como um todo. Foram realizadas pesquisas em acervos públicos e privados para a coleta de

¹⁴ Até o presente momento, dos dez episódios pretendidos, somente dois foram realizados: <https://espacosnamodernidade.wordpress.com/episodios/>

¹⁵ BRASIL, Secretaria de Comunicação Social. **Lei Paulo Gustavo**. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/acesso-a-informacao/comunicabr/lista-de-aco-es-e-programas/lei-paulo-gustavo>. Acessado em: 30 nov. 2024



fotografias que retratassem as mulheres em diversas situações, sozinhas ou acompanhadas, em festas comemorativas ou caminhando pela cidade, em passeios públicos ou trabalhando, exibindo trajes e ornamentos característicos da época. O curta está em processo de finalização.

O segundo projeto aprovado, intitulado “Entre telas, memórias e histórias: o cinema Rio Grande em Natal (1949-1991)”, se baseia em uma pesquisa histórica que tem o objetivo de investigar esse cinema de rua como um espaço de sociabilidade e lugar de memória na cidade de Natal. Buscamos compreender como ele influenciou o cotidiano urbano e contribuiu para a cultura audiovisual da capital potiguar. Para isso, estão sendo realizadas pesquisas em jornais locais como o *A Ordem*, o *Diário de Natal* e *O Poti*.

Além disso, estão previstas a realização de entrevistas com moradores do bairro de Cidade Alta (onde se localizava o cine Rio Grande), e com pessoas ligadas à cena cultural da cidade. O produto final, ou seja, a contrapartida social desse projeto será a produção de um artigo científico e a sua divulgação por meio de palestras em espaços públicos, bem como a criação de uma rede social que permita a publicização e a democratização da pesquisa. O projeto se encontra na fase das pesquisas e dos primeiros esboços do artigo científico.

Esses projetos culturais evidenciam como a cidade atua como fio condutor das memórias e das narrativas históricas, e como contribuem para o campo da História Pública, na medida em que suas contrapartidas sociais – as palestras e o curta-metragem – visam dialogar e tornar acessíveis a um público mais amplo as reflexões e os conhecimentos produzidos a partir da pesquisa histórica.

A seguir, abordaremos de modo mais detalhado os caminhos percorridos durante a elaboração dos projetos, passando pelo processo de submissão e aprovação, até chegarmos ao momento da efetivação e desenvolvimento das etapas de produção. Buscaremos apresentar algumas conclusões parciais, visto que nenhum dos dois projetos se encontram finalizados.



Entre a pesquisa e o ensino, o historiador como produtor cultural: um relato sobre o desenvolvimento de projetos de história pública na área da cultura.

Este presente relato propõe descrever e apresentar o processo de desenvolvimento e execução de dois projetos que abordam a história pública na área da cultura, a partir da experiência de dois historiadores, membros do grupo de pesquisa Espaços na Modernidade do departamento de História da UFRN, no decurso dos anos de 2023 e 2024.

O primeiro é uma proposta de produção fílmica de um curta metragem, intitulada “Inquietas”, que foi baseada tanto na pesquisa de acervos fotográficos públicos e privados, os quais retratam as mulheres da cidade de Natal na primeira metade do século XX, quanto na consulta dos jornais e da bibliografia especializada. Para compreendermos este plano de realização audiovisual, dividimos a descrição desta experiência em etapas, abarcando, no conjunto, desde a concepção da ideia até a concretização da montagem fílmica, sendo elas as seguintes: formulação da ideia, pesquisa nos acervos, escrita do roteiro, elaboração e submissão do projeto nos editais culturais, execução da pré-produção, produção e pós-produção do documentário.

A ideia de investigar e, sobretudo, divulgar a história e a representação imagética das mulheres da capital potiguar por meio da linguagem cinematográfica, começou no nosso contato como colaboradores da pesquisa e da catalogação das imagens, relativas à cidade de Natal na Primeira República, por meio do projeto de extensão da UFRN - “Uma história da cidade de Natal a partir de fotografias (1900-1930)” do grupo de Pesquisa Espaços na Modernidade. Assim, os registros fotográficos a que temos acesso estão, em grande parte, catalogados e reunidos no acervo do grupo. No entanto, uma parte significativa também se encontra nos arquivos digitais da Brasileira fotográfica da Biblioteca Nacional e nos físicos e privados. Desses arquivos, entre as cerca de quatrocentas



fotografias que ilustram a cidade de Natal, nas três primeiras décadas do século XX, mais de cem não só apresentam as mulheres, em diversas situações, sozinhas ou em companhia das amigas, com destaque para suas figuras, exibindo trajes e ornamentos característicos da época, como também aquelas que aparecem nas fotos ao longe, no cenário da cidade, com os corpos e os rostos sem resolução nítida.

Em 2023, participamos do curso de elaboração de projetos audiovisual em editais culturais, denominado “Perdendo medo de editais culturais”, ministrada pela roteirista e realizadora do audiovisual, Camila Guerra. Neste curso, pudemos perceber que seria necessário pensar em uma escrita de projeto para outros leitores e avaliadores fora dos muros da universidade, os agentes culturais. Com base nisso, elaboramos a proposta de documentário priorizando uma linguagem clara e direta, com um objetivo concreto e realizável, de acordo com as regras dos editais de fomento à cultura do município de Natal, organizada pela Funcarte (Fundação Cultural Capitania das Artes), que requerem e exigem os seguintes tópicos: resumo/sinopse, apresentação/introdução da proposta, objetivos, justificativa da proposta, especificações técnicas, equipe principal do projeto/ficha técnica, plano de trabalho/cronograma de execução e planejamento de acessibilidade. Após a etapa de escrita e submissão, o projeto de realização do curta-metragem foi avaliado e classificado entre as vagas de fomento ao audiovisual potiguar, por um parecer técnico emitido pela banca avaliadora.

No começo de 2024, iniciamos as primeiras atividades de pré-produção da proposta de realização documental, que contempla as atividades de pesquisa histórica e tratamento de roteiro. Nessa etapa, visitamos arquivos históricos da cidade e entramos em contato com proprietários dos álbuns de foto dos familiares que viveram e registraram suas vidas na cidade de Natal daquele período; e estabelecemos contato com uma equipe especializada do audiovisual, a qual nos auxiliou durante todo o processo de reformulação e adequação do roteiro a



linguagem cinematográfica. Desde então, continuamos no processo de execução do cronograma, que engloba a produção (gravação da voz over) e a pós-produção (montagem, edição e tratamento de imagens e sons), com objetivo de realizar o curta-metragem documental, compreendendo todas as suas fases de produção.

Portanto, “Inquietas” pretende, mediante a arte visual narrativa, lembrar as mulheres potiguaras e contribuir com a discussão acerca das condições históricas que elas vivenciaram no final da década de 1920 e levar o tema ao debate público. No decorrer das nossas trajetórias como professores e historiadores, pudemos perceber que dar visibilidade a um grupo de pessoas que ficaram à exclusão dos debates políticos e sociais públicos e da história nacional, reacende questionamentos e discussões sobre a participação de diversos atores sociais nos eventos e acontecimentos que moldaram a história do país. Assim, tornar essas mulheres natalenses protagonistas de um período histórico da cidade, em um curta-metragem, significa abrir espaço para representatividades femininas nas narrativas históricas e nas produções audiovisuais. Afinal, entendemos que conhecer mais sobre o passado dessas mulheres possibilita reconhecer o seu papel na democracia brasileira e na formação da nossa cidade e dos cidadãos natalenses.

A segunda é a experiência de realização de uma proposta de pesquisa histórica acerca dos cinemas de rua da cidade de Natal, denominado “Entre telas, memórias e histórias: o cinema Rio Grande em Natal (1949-1991)”. Essa pesquisa se conecta com a história do audiovisual da cidade e a história urbana ao realizar por intermédio dos arquivos dos jornais, de imagens e da história oral, o resgate da memória de um espaço de encontro e cultura da sociedade Natalense entre o início dos anos de 1950 até o começo de 1991.

O projeto estabeleceu como meta principal contribuir com o debate, em perspectiva histórica, sobre os cinemas de rua na cidade de Natal. Compreendemos “cinema de rua” na condição de espaços edificados, que



exibiam filmes, e caracterizavam-se como pontos de sociabilidade e cultura, localizados nas ruas da cidade. Fixamos como meta realizar duas conferências e duas palestras, com a participação de especialistas do campo do Audiovisual, da História e da Antropologia em espaços públicos de Natal; promover a difusão, entre o grande público, das imagens e dos arquivos relativos à história do cinema Rio Grande na cidade de Natal; disponibilizar em uma plataforma digital o material de pesquisa, catalogado e analisado, com indicação das fontes e acervos.

Para este fim, iniciamos a busca, nos jornais locais, que publicaram sobre o Rio Grande no período do seu funcionamento, a partir das ocorrências das matérias jornalísticas, as quais noticiam os eventos e as discussões sobre a utilização do espaço como local de encontros e interações sociais e a influência deste na cultura cinematográfica da capital.

Ademais a esses objetivos, o projeto prioriza as medidas de acessibilidade, como a acessibilidade comunicacional, que será garantida por meio da inclusão de textos adaptados para audiodescrição e da contratação de um intérprete de Libras para a mesa de conferência de abertura da apresentação da pesquisa; e a acessibilidade atitudinal, contratando um consultor com deficiência para a implementação dessas iniciativas de inclusão.

Portanto, a pesquisa do Cine Rio Grande propõe investigar e divulgar a importância do cinema de rua para a preservação da memória audiovisual e patrimonial da capital potiguar, direcionado para um público amplo, de faixas etárias diferentes, e de diversas realidades sociais.

Considerações finais

As duas experiências que estamos desenvolvendo tem implicado em desafios pessoais e profissionais em razão de habilidades, de novos conhecimentos e novas formas de lidar com a produção do conhecimento histórico, distintas daquelas que recebemos em nossa formação acadêmica, que



estão sendo exigidas para a condução dos projetos. Nos dois projetos lidamos com o conhecimento histórico, tendo como base o trabalho da pesquisa histórica documental, especialmente em fontes iconográficas. Nesse sentido, trazemos para o projeto um conhecimento adquirido nas aulas e atividades de pesquisa histórica, especialmente a partir de nossa vinculação, como bolsistas de Iniciação Científica e de Extensão, no Grupo de Pesquisa Os espaços na modernidade.

A primeira dessas habilidades diz respeito ao trabalho coletivo, coordenando a ação de diversos profissionais de áreas distintas, o que tem requerido muito de nós. O projeto da exposição envolve o trabalho de profissionais para a realização das etapas de pesquisa e divulgação e o projeto audiovisual requer um corpo de profissionais para a realização da pesquisa iconográfica, bem como a produtora, a diretora, os roteiristas, a narradora, o montador, o técnico de som, os consultores de montagem e roteiro e o design gráfico. Nas duas atividades contamos com o auxílio de um assessor experiente, fundamental para nós nessa fase de iniciação nos temas dos projetos, não apenas para a parte da realização técnica do trabalho, mas também nas questões relativas à elaboração dos projetos iniciais, gestão financeira dos projetos e condução do projeto.

Cada um desses dois projetos foi iniciado com a aprovação em editais culturais, como já mencionamos. A realização de um projeto com condições de competitividade exigiu de nós, igualmente, a aprendizagem de princípios e técnicas distintas daquela que é praticada na universidade, o projeto acadêmico-científico. A linguagem é um dos elementos que precisamos trabalhar, de modo a deixarmos a escrita estrita do ambiente acadêmico para alcançar um público mais amplo. No conjunto, avaliamos nossa experiência, em curso, como um alargamento de conhecimentos nos habilitando para incorporarmos outras atividades profissionais possíveis ao profissional de História.



BIBLIOGRAFIA

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2002.

DOSSE, François. **A história**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. 3. ed. Brasília: UnB, 1998.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SCHMIDT, Benito Bisso. O historiador entre o 'ofício' e a 'profissão': desafios contemporâneos. **Revista História Hoje**, v. 2, nº 3, p. 285-301, 2013.

FARGE, Arlette. **O Sabor do arquivo**. São Paulo: EDUSP, 2009.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. Formação do profissional de história na contemporaneidade. **MOUSEION**, Canoas, n.19, dez., 2014, p. 109-125.